

## Hospitais filantrópicos sustentam 70% do atendimento no Estado

Grande parte da saúde no Rio Grande do Sul não passa diretamente pela estrutura do Estado. Está nas mãos de hospitais filantrópicos que, no dia a dia, absorvem a maior parte dos atendimentos e garantem que a rede funcione. Mais de 70% da assistência prestada pelo SUS ocorre nessas instituições, segundo estimativa da Federação das Santas Casas e Hospitais Sem Fins Lucrativos do Rio Grande do Sul, que reúne 251 hospitais de um total de 333 existentes no Rio Grande do Sul. É uma malha ampla, presente em diferentes regiões e responsável por sustentar o atendimento de forma contínua.

Os números ajudam a entender o peso dessa operação. Em 2025, foram quase 286 mil cirurgias, além de mais de 51 mil partos, 37 mil atendimentos em cardiologia e outros 52 mil na área oncológica. Um volume distribuído pelo território, sem depender de um único centro.

Mesmo com limitações conhecidas, a modernização segue acontecendo. Equipamentos são atualizados, áreas de diagnóstico ganham reforço e processos passam por digitalização. “Mesmo com o histórico déficit de financiamento do SUS, os hospitais continuam evoluindo, incorporan-

do tecnologia, ampliando serviços e qualificando a assistência”, afirma a presidente da federação, Vanderli de Barros.

O financiamento não vem de uma única fonte. Programas públicos, emendas parlamentares, crédito e recursos próprios compõem a base que viabiliza obras, compra de equipamentos e ampliação de serviços. Não há um valor consolidado para toda a rede, justamente pela autonomia de cada instituição.

Em Porto Alegre, os investimentos aparecem de forma mais visível. O complexo da Santa Casa projeta aplicar R\$ 243,5 milhões até o primeiro semestre de 2028, com R\$ 198,8 milhões já captados. Os valores estão direcionados à ampliação da capacidade assistencial, atualização tecnológica e qualificação de serviços especializados.

No Hospital Santa Rita, a previsão inclui a instalação de um acelerador linear para radioterapia, estimado em R\$ 13 milhões, e de um PET-CT, que é a combinação de dois exames - tomografia por emissão de pósitrons e tomografia computadorizada -, com investimento de R\$ 12,4 milhões. No Hospital Santa Clara, a modernização da UTI, entregue neste ano com aporte de R\$ 14,8 milhões,

integra um conjunto de melhorias que também contempla a nova Central de Material e Esterilização, prevista em R\$ 32,5 milhões.

Fora da Capital, a mesma lógica se repete, com características próprias. Em Ijuí, o Hospital de Clínicas consolidou, nos últimos anos, um ciclo de qualificação que combina tecnologia, expansão e reorganização da estrutura. Referência para 283 municípios, o Clínicas opera com taxa de ocupação superior a 90% e expande gradualmente sua capacidade de atendimento.

Entre os principais projetos está a instalação de um novo acelerador linear para o serviço de radioterapia, com investimento total de R\$ 13 milhões, sendo R\$ 10 milhões provenientes do Ministério da Saúde e R\$ 3 milhões de recursos próprios. A expectativa é dobrar a capacidade de atendimentos na área oncológica.

A instituição também recebeu um equipamento de braquiterapia, com valor superior a R\$ 3 milhões por meio do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica, além de recursos captados para a aquisição de um PET-CT, em funcionamento desde fevereiro deste ano. Na área de hemodinâmica, a instalação de um novo angiógrafo, avaliado em R\$ 3 milhões, reforça



VANDERLI DE BARROS/ARQUIVO PESSOAL/JC

Vanderli diz que instituições continuam evoluindo apesar das dificuldades

a estrutura assistencial.

Para acomodar os novos equipamentos, o hospital investiu cerca de R\$ 3 milhões em adequações físicas com recursos próprios. Ao mesmo tempo, alarga a capacidade assistencial. Estão em andamento a construção de uma nova UTI adulto, com dez leitos adicionais e mais área para o centro cirúrgico - que passará a contar com oito salas e 19 leitos de recuperação pós-anestésica. As melhorias vêm com investimento

de R\$ 10,2 milhões oriundos programa Avançar Mais na Saúde.

O que se vê, tanto na Capital quanto no Interior, é uma rede que sustenta o atendimento e, ao mesmo tempo, segue investindo para não perder capacidade de resposta. Entre custos elevados, necessidade permanente de custeio e pressão por atendimento, esses hospitais continuam sendo o ponto de equilíbrio de um sistema que depende deles para funcionar.

## Mercado suplementar ganha espaço e reforça peso no cenário econômico

Conseguir atendimento com agilidade faz diferença. É esse aspecto que a saúde suplementar se posiciona e ganha espaço dentro da economia do Estado. Em períodos de crescimento, o número de beneficiários tende a avançar. Quando há retração, o movimento desacelera. “O mercado de saúde suplementar no Estado é condicionado ao ambiente econômico”, afirma Geison da Silva Tremea, diretor executivo da Unimed Federação/RS.

A presença nas diferentes regiões ajuda a sustentar essa dinâmica. Com cooperativas distribuídas em todo o Estado, o sistema acompanha cadeias produtivas diversas, do agronegócio à indústria, passando por comércio e serviços. Quando um segmento perde força, outro mantém a demanda.

No RS, o Sistema Unimed reúne 11 hospitais próprios, além de clínicas, laboratórios

e uma rede credenciada composta por mais de dois mil prestadores. A estrutura permite acompanhar toda jornada do paciente.

O movimento também se traduz em investimento na rede própria. A Unimed Porto Alegre prepara a implantação de um novo complexo no Espaço

Unisinos, com aporte estimado em R\$ 200 milhões na primeira etapa e operação em 2027. A unidade terá pronto atendimento, serviços de oncologia e diagnóstico, além da integração com a regulação do SOS Unimed.

Segundo o presidente do Conselho de Administração, Márcio Pizzato, o projeto integra o planejamento estratégico da cooperativa e responde ao crescimento da demanda na Capital e na Região Metropolitana, ampliando a capacidade de atendimento e contribuindo para reduzir a pressão sobre os hospitais.

Há também um efeito que ultrapassa a assistência direta. A operação movimenta profissionais, fornecedores, serviços e tecnologia, formando uma cadeia que se distribui por diferentes áreas do mercado. Não se trata apenas de atendimento médico, mas de um conjunto de ati-

vidades que gera circulação de recursos e sustenta empregos.

Ao mesmo tempo, a expansão traz custos mais elevados. A incorporação de novas tecnologias, a ampliação de coberturas e o avanço de tratamentos mais complexos aumentam o gasto assistencial e exigem maior controle.

Um aspecto destacado por Tremea é a judicialização que impõe coberturas não previstas no cálculo das mensalidades. Elas pressionam o equilíbrio do sistema e dificultam o planejamento.

Diante desse cenário, a busca por eficiência ganha espaço. A estratégia passa por ampliar ações de prevenção, organizar melhor o cuidado e ajustar a oferta de serviços, a fim de reduzir a necessidade de intervenções mais complexas.



UNIMED PORTO ALEGRE/DIVULGAÇÃO/JC

Pizzato explica que objetivo é ampliar a capacidade de atendimento